

Antonio Carlos Machado

Pântano Florido

(REDONDILHAS)

GRÁFICA E EDITORA BERTHIER
Passo Fundo
1983

Antônio Carlos Machado

Pântano Florido
(Redondilhas)



Passo Fundo
2012

Antônio Carlos Machado

Pântano Florido
(Redondilhas)

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2012

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: zanette@zanette.com.br

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do Livro Poesia, -Passo Fundo: P. Berthier, 1983. 94p.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 11/05/2012

M149p Machado, Antônio Carlos

Pântano florido [recurso eletrônico] / Antônio Carlos Machado. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2012.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-45-5

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

ALGUMAS OPINIÕES SOBRE SAFRA AMARGA

São versos de acento próprio, de linguagem que não é de ninguém e somente do autor, íntima, feita toda de coração...

Porque Antonio Carlos Machado é um dos autênticos valores literários do Brasil, autor de uma dezena de obras já esgotadas, todas elas pedindo reedição para que a gente de hoje tenha o mesmo prazer ao lê-la como aconteceu com as gerações de ontem.

Paulo de Gouvêa

Como te conhecia apenas ensaísta e historiador, essa catarse poética da maturidade foi uma forte surpresa. E és poeta sem dúvida, tardiamente subtraído ao mundo da expressão racionalista.

Sérgio da Costa Franco

Talvez seja esse o livro que faltava para emprestar à sua valiosa bibliografia um toque pessoalíssimo de magia.

Carlos Reverbel

É uma safra de abundante lirismo, beleza e criatividade.

Ramiro Frota Barcelos

SUMÁRIO

ALGUMAS OPINIÕES SOBRE SAFRA AMARGA	7
SUMÁRIO	9
PÂNTANO FLORIDO	11
RONDÓ Nº 1	13
REFLEZOS NO TEMPO RECLUSO	14
RAÍZES NÃO EXPLICADAS	16
JANELAS ABERTAS	18
INSCRIÇÃO EM FRAGMENTOS	21
À MARGEM DOS DIAS	22
ASPIRAÇÃO SEM SEGREDOS	24
MATER DOLOROSA	25
ESPIRAL CÉGA NA ÓRBITA DO ESPANTO	26
NO BAR	27
COMPUNÇÃO RESSURRECTA	29
TÚRGIDA REALIDADE	30
EXPANSÃO CONSTRUÍDA	31
MENINA, MENINA!	33
PLUMAS AO VENTO	35
INSTANTE INEXTINGUÍVEL	36
EM DEMANDA DA HARMONIA	37
BALBÚCIO CONSTRANGIDO	38
DEFINIÇÃO DESDOBRADA	39
ANGÚSTIA OBSCURA	40
ASPEREZA COMPLETA	41
VELHA CARRETA	42
LAMENTOS NO MONOCÓRDIO	43
CICIO NA PENUMBRA	45
MURMÚRIO INÚTIL	46
ESSÊNCIA ILUMINADA	48
RONDÓ N.º 2	50
CÁLIDO REGISTRO	51
NUDEZAS SEM BIOMBOS	52
SONÂNCIAS EFÊMERAS	53

PARADOXO	54
CONFIDÊNCIAS HESITANTES.....	55
DÚVIDA SUBMERSA.....	56
RUMOREJO NA SOMBRA	57
DESEPERO FLAGRANTE	58
MINUTO INEXORÁVEL	60
FRÊMITO CONVULSO	61
DESALENTO.....	64
MANHÃ IMPROPÍCIA	65
EVIDÊNCIA ENVOLVENTE	67
PRANTO IMPERFEITO.....	68
CASAMENTO.....	70
CAULES NA AMPLIDÃO.....	71
MOMENTO TORMENTOSO.....	72
ESPESSO SENTIR	75
NA RUA	76
CANTO INTRANSFERÍVEL.....	77
ASILO	79
PALPITAÇÕES COMPULSIVAS	80
APELO NECESSÁRIO	82
NA LANGUIDEZ DA TARDE.....	83
ALGIDEZ PERTURBADORA	84
TRILHA INEVITÁVEL	85
DIANTE DO VAZIO INOMINÁVEL.....	86
CONSTÂNCIA LANCINANTE	87
IMPULSO URGENTE EM RITMO EXATO.....	88
HORA CONTURBADA.....	89
SOLFEO SOBREJACENTE	90
VIGÍLIA NA MADRUGADA	91
NO SILÊNCIO DA NOITE	92
SEPTETOS EM DÓ MAIOR.....	94
DUALISMO ESTRANHO.....	95
MONDADURAS NO EITO.....	96
EU E TU	97
EXASPERO IMPROFÍCUO.....	98
CLARIDADE AUTÊNTICA.....	99
VERDADE CONCRETA.....	100
VERBO EXPLÍCITO	101
MEDITAÇÃO CONCENTRADA	102

PÂNTANO FLORIDO

I

O paul enorme,
No fim das lonjuras,
Há muito que dorme
Em águas escuras!

De longe parece
Imensa comporta,
Mas planta não cresce
Na lama já morta!

Triste latitude,
Que o verdor estangue,
No denso palude,
Nos barros do mangue!

II

Regatos almejo,
Com limpas correntes!
Beber eu desejo
Em veios fluentes...

III

De arestas coberto,
O solo tem fome
De seiva e resinas!
Aqui no deserto
A relva já some,
Não colho boninas!
Os sóis dardejantes
Têm setas ferinas!



Afagos não sinto
E amenas campinas
Distante pressinto!

IV

Pântano perdido
Além do varjão
Ou lago florido
À luz do verão?

Pântano por certo,
Mas hoje tão belo
Que logo desperto
E tédios cancelo
Em ledas venturas!
(Quanto me flagelo
Nas fontes impuras!)



RONDÓ Nº 1

Rúbido calor,
O sol purpurino!
Em tudo langor,
Langor vespertino!

Sou canto franzino
De fraco pendor!
Sou parco destino
No mundo agressor!

Sou parco destino,
Sou sóbrio cantor,
No galho tão fino
Que festas de cor!

No céu cristalino
Do sol o rubor!
Do vento campino
Escuto o clangor...

Quando bate o sino
Rezo com fervor!
A mim não domino,
Sou triste sol-pôr!

Idílico hino
Não posso compor!
Às aves ensino
Só cantos de dor!



REFLEZOS NO TEMPO RECLUSO

O fulgor perdura
No sol lampejante!
O verso não cura
A dor fustigante,
Que sinto remisso
Nesta morbidez,
Com riso postiço,
Com falsa mudez...

Azul de safira
Lá longe, sem véu!
Eu louvo na lira
As cores do céu!

Límpidas vertentes
Escorrem nos prados!
Sou sonhos virentes
Em sonhos alados!

Em rotas seguras
Paisagens devoro!
Todas amarguras
Sincero deploro!

Minuto restrito
De muito penar
Parece infinito
E nunca acabar!
Os astros que fito
Quem pode contar?
O homem, no fundo,
Dor sempre terá!
Sem conta no mundo
As dores que há...

A Vesper já brilha,
Em fosco recorte,
Do mar compartilha
O barco sem norte...

Bondades descanto,
Vaidades rechaço!
Humildes eu canto
Por onde perpasso!

Os azuis sem jaça
No céu descoberto!
Da tristeza a taça
Enfim acoberto!

Nômade bizarro
Enganos só cevo!
Cântaros de barro
Nas costas eu levo!

São cântaros pobres,
Sem néctar ou mel,
Mas vivências nobres
Eu tenho a granel!

Sou simples obreiro
Na prece também,
Mas planto primeiro
Os frutos do bem!

Cantor instintivo
Em puros mourejos,
No verso revivo
Em todos ensejos!

O mar que delicia
Cantando pra mim!
Me fazes carícia
Com mãos de cetim!

RAÍZES NÃO EXPLICADAS

Infância perdida
Deixada pra trás
Nos longes da vida,
Que o tempo não traz!

No tímido vulto
Eu era solidão,
Qual sêmen oculto
No bojo do grão!

Amigos não tinha,
Ficava no sonho,
Que hoje definha,
No quase Não-Ser,
Por muito tristonho,
Por muito sofrer!

Sem corpo robusto
No corpo da larva,
Chorava sem custo
Na face mais parva!

Infância perdida,
Deixada pra trás,
Nos longes da vida,
Que o tempo não traz!

Infância dorida,
Lacrimal vertente
Dos olhos pendida
Raiz na corrente
Vagando, vagando,
Folhagem no pó,
Tristezas em bando,
Casulo tão só,
O medo presente

Na trêmula voz,
Fechada semente
No núcleo da noz...

JANELAS ABERTAS

Eu vejo com susto,
No prédio vizinho,
O frágil arbusto
Morrendo sozinho!

Já morto madeiro,
Outrora tão rijo,
Ao pobre salgueiro
Endechas dirijo!

O vento madruga
Com sibilos no ar!
Que sorte verduga
Me obriga a chorar!

Tristeza tu cresces
- Tenaz escarcéu! –
Eu quero benesses
Provindas do céu!

Vou na correnteza
Dos nulos desejos,
Vivendo a fereza
De horas sem beijos!

Nos trilhos só cardo
Só espinhos em suma!
Carrego meu fardo
Sem pausa nenhuma!

Fogo de gravetos
É fogo bem lasso!
Que débeis quintetos
Eu laço no espaço!



Trovo por trovar
Nasci trovador!
Prefiro cantar
Nas horas de dor!

Quando triste estou,
Todo me concentro
E sinto que sou místico por dentro!

Brumas julho traz,
Brumas desde cedo,
Cobrindo o caminho!
Que falta me faz
Do amor o brasido
No pálio do ninho!

És tudo, meu verso,
No frágil papel!
Contigo converso!
Às vezes com fel!

Ao vento-tufão
A flor não resiste!
As flores no chão
Me deixam bem triste!

Vivo por viver,
O jovem me diz!
Até no sofrer
Há gente feliz!

Sou ninho deserto
Sem doces pipilos!
Existem de certo
Abrigos tranquilos!



Longe das ribaltas
Em manso recanto,
Carrego bem altas
As musas que canto!

INSCRIÇÃO EM FRAGMENTOS

Às almas sinceras
Eu digo sem pejo:
Se colho quimeras,
Em louco desejo,
Pomos não alcanço
No grande labor,
Mas febril avanço
Na senda da dor!

A vida buscando
Sou dor que vicejo
No vento soprando
Em rude voltejo!

A vida buscando
Nas flores que vejo,
A vida procuro
No vão relampejo,
No moital escuro
- Letal abandono –
No simples voejo
Das aves sem dono!

No duro lajedo
Carrego meu lenho,
Não faço segredo
Das penas que tenho!



À MARGEM DOS DIAS

Ò tempo carrasco,
Ò ventos intrusos!
Na garganta só asco,
Em ascos confusos!

Detesto rastejos,
Amigos escolho!
Acato festejos
Se risos recolho!

Nesta hora jade
Teus olhos me olham
Vertendo saudade
Saudades que choram!

Estes versos são
Das dores joguetes,
Roxos ramalhetes,
Que triste tu olhas
E lenta desfolhas!

Sol-brilho sereno
No lago sem mancha!
Meu riso pequeno
A noite desmancha!

A lira do bardo
A dor desapruma!
O passo retardo,
Perdido na bruma!

A tarde febril
Nuances esbanja,
Do rosa ou anil
À cor da laranja!



Tem heras a grade
Tão perto daqui!
Tão rara a bondade
Que espero de ti!

Giras cata-vento
Catando mil ventos!
Sou dores no vento,
Nas dores lamentos!

Vales descortino
Lonjuras revendo!
Eu, desde menino,
Distâncias desvendo!

Enxergo bem claro
O pó que volteja!
Na tarde reparo
Sem aves que veja!

No duro lajedo
Decepções albergos!
Da dor tenho medo
E triste já vergo...

Talvez eremita
Por fados ignotos,
Minha alma só fita
Desertos remotos!

Ocaso já curto,
Agora confesso:
Sorrisos não furto
E beijos não peço!

Córrego flui
Em calmos remansos!
Minha dor inclui
Só breves descansos!

ASPIRAÇÃO SEM SEGREDOS

Que loucas vontade
De abraçar a Vida,
Fugir da saudade
Que sinto tolhida
Em pranto candente!

Almejo fremente
Córregos nas sendas,
O olhar sorridente
Em olhos sem vendas,
O lenço sedoso
No rosto sofrido
Secando bondoso
O choro vertido,
A mais linda flor,
Cedinho colhida,
Na tumba sem cor
Ao longe perdida!

E num gesto puro,
Que logo bendigo,
O fruto maduro
Na mão do mendigo...

MATER DOLOROSA

As rugas que tens no rosto
São da vida que viveste!
Cada ruga que desgosto
Ou tristeza que sofreste!

Os teus olhos de sol-posto
São tão doces! Não perdeste
No coração ao bem disposto
A bondade que aprendeste!

Olho-te tranquilo e terno,
Se ilusões não tenho mais,
Trago teu calor materno!

Falando de mil assuntos,
Nós sempre somos iguais:
Chorando ou felizes juntos!



ESPIRAL CÉGA NA ÓRBITA DO ESPANTO

Às vez um grande tolo,
Com impulsos fantasistas,
Mendigo paz e consolo
No portal dos egoístas!

O mundo tem tana gente
Que colhendo farta messe,
A dor dos outros não sente
E a bondade desconhece!

Fico sempre a contemplar
Da vida o grande tumulto
Com brados de paladino!

E sou, coração a pulsar,
Cada vez menos adulto
Por me sentir pequenino...



NO BAR

O homem falava,
O homem sem lar
Falava, falava
Na mesa do bar!

Falava comigo
O homem sem lar:
“A paz não consigo
Na mesa do bar!
Enfermo pareço
Se longe da tasca
Em mim permaneço
Qual ostra na casca!”

Na mesa do bar
“Nem tudo são flores”!
O homem sem lar
Falava com dores...

Um como de gim
Devagar eu tomo!
Tu longe de mim
Confortos não somo!

“A tarde já borda
Os matizes do ar!”
Comigo concorda
O homem sem lar.

Na mesa do bar
Bebendo recorda o homem sem
lar!

Que coisas evoca
Querendo chorar?
Imagens convoca
Olhando pro mar...



“Eu gosto do choro!”
O homem sem lar
Comigo faz coro
Na mesa do bar...

COMPUNÇÃO RESSURRECTA

Tens odores de alfazema,
Perfumes de rosmaninho!
Me lembras antigo tema
Versejado com carinho!

Soberbo o matiz de vinho
Na linha do céu extrema!
Vejo o mar em torvelinho
E sofro na dor suprema!

A tarde lenta se escoia
No golfo de crespas águas,
Onde o vendaval ressoa!

Nós formamos triste par,
Envoltos em grandes mágoas,
Sem essas mágoas contar...



TÚRGIDA REALIDADE

Sutil ser o deste globo,
Que há séculos caminha
E lobo do próprio lobo
Se todo sonho definha!

Só me resta o rir improbo
E a resignação daninha
Quando triste, sem arroubo,
Sinto a lágrima vizinha!

Ilusões o destino abate
Com sua força milenar
De crus mistérios guardados!

A dor é o fatal remate,
Findos em nosso pomar
Os frutos mais desejados!



EXPANSÃO CONSTRUÍDA

Se sofro não digo!
Que total alento
O trinar amigo
Das aves no vento,
O leve rumor
Do manso caudal,
Do verde gramado
O forte revêço,
O mel depurado
No fértil cortiço!

Só quero ternuras,
A grata blandícia,
Em vez das agruras
A quente carícia!

Não quero das noites
O triste negror,
Ferem-me os açoites
Do mar com furor!

Hoje sou substância,
Substância fugaz!
Aspiro a fragrância
Do campo vivaz!
Quero recordar
O sino do monte
Festivo a tocar,
O gosto de fonte
No bom alguidar!

Quero percorrer
A vasta planura,
Olhando o nascer
O sol que fulgura
Na paz das aldeias,

Captando na boca
Sentindo nas veias
A essência tão pouca
Das poucas colmeias...

Quero sem barreiras
Vencer os espinhos,
Beber nas parreiras
O sumo dos vinhos!



MENINA, MENINA!

Que linda menina,
Primor juvenil,
O sol ilumina
Seu rosto gentil!

Flor nos caracóis
Dos loiros cabelos
Que são girassóis
Em fulvos novelos!

Boneca no colo,
Dalgados quadris,
Mas pisa no solo,
Brincando feliz!

Menina, menina,
Botão todo lindo,
Com graça fascina
Na vida surgindo,
O corpo tão leve,
A face tão bela!

A Branca de Neve
Até a Cinderela
Ela sonha ser
Nos livros de fadas
Que gosta de ler!

Menina, menina,
Meiguice sem preço
Com jeito travesso
Que tudo domina
E risos ao léu,
Manhã no começo
Descendo do céu!



Quantos anos tens?
Oito, talvez dez...
Braçadas de bens
Terás aos teus pés!
Daqui já te mando,
Com timbres diversos,
Mil cantos rezando
Num templo de versos...

PLUMAS AO VENTO

Do sofrer escravo,
Revel andarilho,
Estradas desbravo
Enquanto dedilho
A lira-desdita
No velho modilho
Que penas agita
Em cantos infrenes,
De pouco lavor
Mas safras perenes
Na ceifa da dor!

Entraves arrosto
Nas dores vivendo,
Dos falsos não gosto
No mundo sofrendo!

Na tarde lilás
Recendem jardins!
Me fecho na paz
De longes confins...

As mãos do esmoler
Não podem parar!
Não tenho sequer
Palavras pra dar!



INSTANTE INEXTINGUÍVEL

Verde malaquita
O salso pequeno
Parado dormita,
Goteja o sereno
Na noite bonita!

Lindo firmamento
Os astros que tem!
Ao meu pensamento
Tristezas não vêm!

Apago da mente
Antigas lembranças
E penso somente
Em doces bonanças!

Estrelas bem altas
Me dizem brilhando:
- O grito das maltas
Escuta rezando...



EM DEMANDA DA HARMONIA

Irei, sim, por onde fores
Seguindo sempre os teus passos,
Sem ver rumos: se de flores
Ou pérfidos embaraços!

Irei sim e sem temores
Preso a ti por fortes laços,
Escravo das mesmas dores,
Igual fé em iguais cansaços!

Na vida – hostil jornada –
Crença quer dizer amparo,
Melhor sorte nos escolhos!

Pés tardos na caminhada,
O mundo só vejo claro
Sem véus de pranto nos olhos!



BALBÚCIO CONSTRANGIDO

Eu saí pelas estradas,
O céu limpo pela frente,
Mas visões alucinadas
Me arrastavam loucamente!

Com ilusões já desfeitas,
Procurava a paz ausente,
A paz das almas eleitas,
Algo de bom permanente!

Em vão, porém, caminhava
Com tanta dor sem remédio,
Ouvindo vãos murmurinhos.

E sofrendo carregava,
Num fundo cheio de tédio,
O próprio pó dos caminhos!



DEFINIÇÃO DESDOBRADA

O homem quer ser feliz
Buscando o prazer mundano!
Refúgios eu sempre quis,
Longe do lidar insano!

As vãs ilusões que tive
Não posso nem maldizer:
Sem amores ninguém vive
E todos querem viver!

Eu sou triste, mas sem iras,
Me nutro dessa certeza,
Sem dar valor aos festins!

Amo o hinário das líras
E no som da natureza
Até o ladrar dos mastins!



ANGÚSTIA OBSCURA

A Vida me disse:
Basta de chorar!
- Que grande tolice,
Até gargalhar
Quero, sempre quis!
Mas quero sorrir
Vibrando no ser
Com a alma feliz
Sem queixas ouvir
Sem tédios conter!

Hoje por favor
Roteiros não marques!
Os jardins sem flor,
Desertos os parque,
Eu sinto vertigens
O frio das pousadas,
As foscas caligens
Que há nas estradas!



ASPEREZA COMPLETA

Corpo sem sono, olhos fundos,
Descerro lento a cortina!
Cães sem dono, vagabundos,
Vagam frágeis na neblina!

Gravo tudo na retina!
Passam bêbados imundos,
Cumprindo trevosa sina
Andrajos de vários mundos...

O tom lúgubre da hora,
Em que sou cismas bem só,
Marca a penumbra da sala!

Meu coração se devora,
Escutando a própria voz,
Porque o silêncio não fala!



VELHA CARRETA

Velha carreta gemendo,
Em já cansado rechino,
Vais devagar percorrendo
As sendas do teu destino!

Quando te escuto desvendo,
Em meu penar peregrino,
Locais que depois revendo
Me põem de novo menino!

Somos às vezes iguais,
Levando cargas pesadas
Sob o sol e os vendavais!

Mas levo cada vez mais,
Em solitárias jornadas,
Fatigantes fardos de ais!



LAMENTOS NO MONOCÓRDIO

No verde pascigo,
Frágil pirilampo,
Que penas abrigo,
Que dores encampo!

Frágil pirilampo,
Das noites amigo,
Nas ruas, no campo,
Que dores encampo
Se doido prossigo
No cismar escampo
Que hoje persigo!

Outrora tão lampo,
Agora mendigo,
Eu urzais acampo
Sem crenças comigo!
Se campas destampo
Que penas abrigo!

No vale descampo,
A paz não consigo,
Choros estampo
Na senda que sigo!

Nos odres sem tampo
Só restos de trigo,
Que dores encampo,
Parece castigo!

No vale descampo
A paz não consigo!
No verde do campo
Soluça o jazigo...

Se lousas destampo
Tristezas predigo
No cismar escampo
Que hoje persigo...

Se lousas destampo,
Dores não mitigo,
Nas ruas, no campo,
Na senda que sigo!
Lágrimas estampo
No mau desabrigo...

CICIO NA PENUMBRA

Como regressar
À fonte vital?
Não posso falar,
Sou dor sem igual!
Não posso cantar,
Apenas sofrer
Agora prefiro!

Somente o viver
Em longe retiro
Agora reclamo!

Agora repito:
Aos montes lá fora:
Sou peito sem grito,
Sou grito que chora!

Sinto o desamparo
Desta triste hora
Sem leve bonança!
Em ti nem reparo,
Fugaz esperança,
Porque vais embora,
Como folha solta,
Ao sabor do vento,
Na vaga revolta
Do mar turbulento...



MURMÚRIO INÚTIL

Nasci bem assim,
Em ninguém eu piso,
Afasto o mesquinho,
Mas pisam em mim,
Às vezes com riso
E olhar escarninho!

Por dentro diverso
Sem ímpar eu sou
Na vida, no verso
Nos cantos que dou!

O mal eu percebo,
Favores não cobro,
Mas graças recebo,
Ao mal não me dobro!
Ácidos eu bebo
E logo soçobro
Se o bem não concebo
E a fé não recobro!

Ó Deus tens que vir
No sol das manhãs,
Sim, tens que surgir
Na cor das romãs,
Na chuva que vem
Vertendo na serra,
No verde que tem
O verde da terra!

Ó Deus tens que vir
Qual belo fanal
Fazer regredir
As hostes do mal!

Nas crenças bem sãs,
Ó Deus tens que vir,
Há torvos Satãs
Rondando o porvir...

Fúlgidos elans
Só quero sentir,
Só quero sorrir
Na planta franzina,
Humilde, que brota
Na lisa campina,
No fundo da grotá!



ESSÊNCIA ILUMINADA

I

Ouço belas frases,
Um conto de fada,
Mas gestos não fazes
E ficas calada!

Se vejo castelos
Também ficas muda!
Sem anseios belos
A dor se transmuda
Em novo penar...

Que vale sonhar
Sem o Ser liberto?
Sonhar é criar,
Colher no deserto,
Deter o vazio,
O pensar incerto
O instante vadio
Na flor a murchar!

Sonhar é criar,
Ter alvo mantéu,
Com ele subir
Aos altos do Céu,
Assim descobrir
O Deus Infinito
Num brado de fé!

II

A distância fito,
Os sinos da Sé
Chamam à novena!



Nos círios acesos
Sou chama pequena,
E cânticos presos,
Mas me volatizo
Nas asas do incenso.
Do culto preciso
E a descrença venço
Pejado de paz
Na prece contrita,
No bem que me faz
A reza bendita!

Rondó N.º 2

Tristezas rumino
No urzal feridor!
Caminho sem tino,
Varado de dor!

As aves sem trino,
Hostil estridor!
Chamas examino
No sol depressor!

Do vento o furor
Eu hoje malsino!
Os olhos reclino
No rosto sem cor!

O juncal margino
No charco sem flor,
No templo termino
Meu velho clamor!

Brejais abomino
Com tanto vigor
Que logo imagino
Terras de horror!

Tolo dissabor
E choro mofino
Não quero, Senhor,
Ó Mestre Divino!



CÁLIDO REGISTRO

No mundo da fantasia
Busco reinos encantados,
Feitos só de harmonia,
Sem corações destroçados!

Nos domínios da utopia
Há refúgios enflorados
E segredos de alquimia
Na cura dos desagradados!

O poder que transfigura
Existe – sim – eficaz
Contra o tormento soez!

Às vezes minha amargura
Teu riso logo desfaz,
Mas essa magia não vês...



NUDEZAS SEM BIOMBOS

Em lenta cadência
Prosseguem as horas.
Eu tenho dorlência,
Palavras imploras!

Que posso dizer
Noite hibernal!

Pós em espiral,
O salso a tremer,
Momento abismal
Que posso dizer?

A treva total
Que negro capuz!
Só vejo o brejal
E nuvens sem luz!

Abismos transponho
Pra lírios colher,
Mas volto tristonho
Sem flores trazer!



SONÂNCIAS EFÊMERAS

Há tantos proscritos,
Horrores sentindo!
Sufoco meus gritos
No grito já findo!

Pássaros nos ninhos,
Ocultos nas plantas!
Sendas com espinhos
Conheço já quantas!

O píncaro se ergue
Nos campos bem rasos!
Teus olhos albergue
De rudes descasos!

Sou débil argila
E ser sideral!
O mundo desfila
Também no brejal!

Sou fogo sem lenha
Nas cinzas guardado!
Na lira rouquenha
Que som macerado!



PARADOXO

Eu também sou solitário,
Até da paz exilado!
Nenhum amor solidário
Neste cardal assolado!

Neste desterro precário,
Eu vivo já segregado,
Neste medonho calvário
Como viver consolado?

Do mundo triste fugi,
Outro melhor quis achar,
Sem dores para colher!

Novos tormentos sofri,
Porque sei todos amar,
Sem a mim mesmo querer!



CONFIDÊNCIAS HESITANTES

Rabiscando pautas
Semanas eu vou!
Faltam rimas lautas
Nas festas que dou!

Versos – o bastão
Que levo cantando!
Súplicas na mão,
Eu vou suplicando!

Eu vou na vanguarda,
Mas ninguém ofusco!
A vida retarda
A meta que busco!

Com versos eu pago
O azul que tu vês:
A dama-do-lago,
Florão dos buquês!

Lá no cemitério
Momento terrível!
- consolo cautério
Nem sempre possível!



DÚVIDA SUBMERSA

Do sol pouco resta
Em vagos clarões!
As rosas em festa
Ofertam botões!

O delgado junco
O vento balança!
Meus choros não trunco,
O vácuo me cansa!

Contemplo no espelho
Meus olhar sem lampejo
E peço conselho
À imagem que vejo!

“És outro! – responde
Um som das alturas –
O céu ninguém sonde
Nas noites escuras!”



RUMOREJO NA SOMBRA

Venho de visões extintas,
Por muitas terras e mares!
Só lassidões indistintas
Traduz em mil olhares!

Malogros novos não sintas
Por onde afinal andares!
Ao bom Senhor não mintas,
Carregada de pesares!

Brevemente chegarás
Com emoções incontidas,
Engressa dos desencantos!

Mas, acres, também terás
Sons de crenças sucumbidas
Num só dilúvio de prantos!



DESESPERO FLAGRANTE

A dor – mausoléu
De dores faminto,
Lúgubre mantéu
No tédio que sinto!

A dor – cadafalsos
Dos risos mais ternos,
Pezinhos descalços
Em longos invernos,
Lágrima brotada
Em olhos de luto,

Lavoura plantada,
Mas morta, sem fruto!
Saudade sentida
Em choros de morte,
Vida mal vivida
Aos ventos da sorte!
Partida sem volta
De seres queridos,
Almas em revolta
Nos sonhos vencidos!

A dor – sepultura
Da crença sem prece,
A paz que não dura,
O bem que fenece!

A dor – desabrigo
A falta de amor,
As mãos do mendigo
Sem pão benfeitor!

A dor – vendaval
Que tudo destrói,
Desdém que faz mal,
Desprezo que dói!

A dor – armadilha,
Que a vida prepara,
O rir que humilha,
O mar que ferveilha,
O canto que para



MINUTO INEXORÁVEL

Hora sem igual talvez,
Abrindo dorida chaga,
Em mim chegou e com rudez
Pra sempre ficou marcada!

Eu preso na morbidez
Da dor sem limite vaga,
Vi do Ser a pequenez
No pesar que tudo traga!

Como pôde o tal instante,
Transitório – um só minuto -
Tornar-se sofrer constante!

Quanta gente se deplora,
Mas no fim do breve luto
Nunca mais nos olhos chora!

FRÊMITO CONVULSO

I

Na tarde serena!
Ó flor já pendida
Ó morta verbena,
Na haste sem vida,

Jardim eras belo,
Não vejo a cravina!
Por quê me rebelo
Se tudo termina?

Não vejo o jardim,
A rosa não vejo!
Tens mãos de cetim,
Afangos desejo!

Não vejo o jardim,
A rosa não vejo!
Tens mãos de cetim,
Afangos desejo!

Não vejo o jacinto,
O cândido lírio!
Tristezas eu sinto
Em lento martírio!

Ao longe que vejo?
A terra desnuda!
Maus ventos prevejo
No tempo que muda!

Não vejo o rizoma
No vaso plantão!
Quem colhe o aroma
No bosque guardado?

Quem doce recolhe
Meu rude lamento?

Hoje ninguém olhe
O meu desalento,
Perdido na frágua,
O murcho rebento
Morrendo sem água!
Sou canto cinzento,
Repleto de mágoa...

II

Pobre cinerária,
Já tão desfolhada!
Meu verso de pária
Se perde no nada!

Todas minhas penas
(Que letal açoite!)
São loucas falenas
Que voam na noite
Em busca de luz!

III

Não vejo o junquilha
No denso moital,
O próprio murtilho
Tem ar agoural!

Só vejo a gardência
No caule vergado
Sem ramo florente!
Que trêmula nênia,
Em tom desolado,
Eu trago na mente!

Onde as azaléias?
Nenhuma pra ver!
Ando nas aléias
Sem nada colher...

DESALENTO

Passa o tempo langoroso,
Em mim a tristeza medra!
Ferido sonhar não ouse
Nesta solidão de pedra!

Procuro límpida fonte
Na fé que me conduz,
Pedindo que no céu aponte
Das almas a nova luz!

Na dor tudo se desdobra
Se os sonhos distantes vão
E a descrença o fel recobra!

Todo Bem ao Bem se dobra,
Mas poucos trazem na mão
O afago que nunca sobra...



MANHÃ IMPROPÍCIA

Ovelhas na grama,
No verde-limão!
Açudes em chama
Brilhando no chão!

Na fralda despida
O grande clarão!
Sem doce acolhida
Eu sou reclusão!

Áridas paragens
- Final holocausto –
Por entre folhagens
Já faltas de hausto!

Louca sequidão
Nos lábios com sede,
Sou contemplação
Na concha da rede,
Mas ouço no peito
Estranho rumor,
Eu jamais aceito
Silvedos sem flor!

Da languidez fujo,
Fujo dos espinhos,
Mas não sobrepujo
Fortes torvelinhos!

Agora sozinho
Tédios não tolero,
A Deus encaminho
A prece que quero,
Os ecos do leste,
O aroma das malvas!



Ó jardim agreste
Do vento ressalvas
O triste cipreste,
Bétulas bem alvas
Tu nunca me deste...

EVIDÊNCIA ENVOLVENTE

O tempo tudo consome,
Às vezes na dor sumido,
Da prece só temos fome
Com o peito combalido!

Triste quando a crença some
Ou me sinto sucumbido,
Espero que em mim assome
Da lira o cantar tolhido!

Eis-me aflito novamente,
Por mais que me faça forte
Contra o fastio contundente!

A esperança recomponho,
Mas por caprichos da sorte
Risos na boca não ponho,,,



PRANTO IMPERFEITO

I

Cerrando fileiras,
Diferentes raças
Agitam bandeiras,
Protestam nas praças!

Sem bom paniluro
A turba reclama,
Temendo o futuro
Em cenas de drama!

À guerra-flagelo
O mundo se curva!
Sustos não debelo
Em hora tão turva!

Multidões sem lar,
Expulsas dos berços!
Que vale rezar
Nas contas do terços?

II

O Líbano, palco
De torvo conflito!
Revoltas recalco
No peito ferido!

Lábaros ostento
De paz e doçura!
Causas sustento
Em prol da ternura!



Há quantos dispersos
Em pátrias vizinhas!
Que podem meus versos
Ou líras sozinhas?

III

Coitados são pretos,
Despertam desdém!
Imersos nos guetos
Repúdios só têm!

São negros na pele,
Questão de pigmento,
Mas quem os repele
Não tem sentimento!

IV

Que grande labuta!
Muitos estandartes
Inúteis desfraldo!
Não tenho compartes
No quente ressaldo
Que fica da luta!

Ardentes apelos
De paz e brandura
Se perdem nos gelos,
Em triste clausura!

Um lema proponho
À gente mendaz:
“Bem além do sonho
Há reinos de paz!”

CASAMENTO

Deve ser o casamento
Ardores numa só chama,
Pétalas juntas no vento
E folhas da mesma rama!

Em consórcios sempre belos
A bondade e o servir!
Unidos por muitos elos,
Dois sonhos podem florir!

Pássaros andam aos pares,
As frondes como tendal,
A Deus cantando louvores!

Há casais até nos mares,
Mas que destino fatal:
Risos não casam com dores!



CAULES NA AMPLIDÃO

Céu de nuvens tinto
Na tarde desfeita,
Sol cor de carmim!
A flor do jacinto
Já não mais enfeita
O murcho jardim!

No mar indistinto
O barco suspeita
Do vago confirm!

A carência que sinto
É quase perfeita,
É quase sem fim
Em mau labirinto...

Sem alma voraz,
Só quero migalhas,
Minutos de paz
Em todas batalhas!

Só quero do pão
As sobras e restos,
Pois trago na mão
Alforjes modestos!

Palavra de amigo
Que sabes de cor:
Só quero do trigo
A espiga menor...

Da flor das begônias
S pólenes tombados,
Tenho mil insônias
Nos olhos cansados...

MOMENTO TORMENTOSO

I

Tão raros adejos
No curso do vento!
Vazio de desejos
Vivo sem alento
Nesta solitude
Repleta de medos!

Que o fado transmude
Tão tristes fragedos
E os meus lacremejos!

Freme a praia rude
Longe dos folhedos!
Do mar os bracejos
Gemem nos penedos...

Vejo a lassitude
Dos lentos siris
Junto dos rochedos!
Os versos que fiz
Revelam segredos!

Segredos pra quem?
Para as sãs aragens,
Que vindas do além,
Trazem mensagens,
Talvez salvatérios
Em forma de canto
Nos eremitérios
Que hoje levanto!

Olhar eu não ousou
A tarde fugindo,
Não tenho repouso
Na noite sumindo!

II

Cavalos-marinhos,
Em manadas soltas,
Retalham caminhos
Nas ondas revoltas.

Escuro perguntas:
Queres galopar
Nas onde bem juntas
Dos vales do mar?

III

Não vejo sereias
Irmãs das ondinas
Nas brancas areias
Das dunas salinas!

Distante ilhotas!
Só vejo nas águas
Pequenas gaivotas
E no alto das fráguas
As nuvens esparsas!

IV

Ressurgem as garças
Voltando o verão,
Mas bem disfarçadas
Mar de solidão
No canto das vagas,
Às vezes gemidos,

As naves que tragas,
Os barcos perdidos
Em rumos incertos!

Quantos ostracismos
Em mudos desertos,
Em loucos abismos!

ESPESSO SENTIR

Volto de longos urzais
Com as mãos dilaceradas
E dores de funerais
No final das caminhadas!

Os meus olhos tem sinais
De branduras solapadas,
Pois não dissimulo mais
As ilusões dizalmadas!

Nos silêncios de abandono,
Em tudo que me rodeia
Sofro a rudez do cansaço!

Em vão clamo pelo sono,
Preso na confusa teia
Dos poemas que não faço!



NA RUA

Andando pela calçada,
O passo já vacilante,
Tinha a face lacerada,
O cabelo branquejante!

E caminhava cansada,
Com débil olhar clamante,
Alma de dor repassada
A palpar suplicante!

Disse do destino atroz,
Nos velhos tempos molestos,
Horas amargas chorando...

Depois ficamos sem voz:
- Ela falando com gestos,
- Eu, sem palavras, falando...



CANTO INTRANSFERÍVEL

Oscila a catraia,
O mar se dilata,
Despeja na praia
Tapetes de prata!

O mar em ressaca,
Cheirando a sargaço!
Ocaso de laca
Morrendo no espaço!

Ressurgem as ilhas,
Varridas de vento,
No rumo das quilhas
Em sons de lamento!

Existem afogados
Nas rochas do atol!
Instantes toldados,
Já órfãos de sol...

O vento fustiga
A onde bravia!
O barco periga
Na noite vazia!

As mãos laceradas,
As faces transidas,
Sou penas levadas
E penas trazidas!

O vento bem rouco,
O céu todo pardo!
Das crenças, um pouco
O pouco que guardo!

Refúgio queremos,
Pródigo de lumes,
Ao longe só vemos
Imensos tapumes!
Não temos descanso,
Ao longe só vemos,
Em lento balanço,
Migrantes cardumes...

ASILO

Não sei que ímpeto secreto
Me traz ao distante asilo
- Muro de heras repleto,
Tudo em singular estilo!

O campanário discreto
Branco no bosque tranquilo!
Seguindo velho trajeto,
Quantos passam sem ouvi-lo!

Em constante pungimento
Frágeis seres preteridos,
Pedindo benevolência!

Olho o prédio sonolento
Com impulsos ressentidos,
Num suspiro de dolência...



PALPITAÇÕES COMPULSIVAS

O sol-rubro jorro!
Na terra sem lindes
O campo percorro,
Ao céu faço brindes
Por esta manhã
De rútila luz
Por esta louçã
Manhã que conduz
Ternos chilros de aves
E aromas agrestes,
Sem timbres nas claves
Dos velhos ciprestes!

Andando renasço
E varro os pesares,
Perco o jeito lasso
Caminha! Não pares!

Que lindo pomar
Trescala perfumes!
Vamos par a par,
Pra longe não rumes!

Eu quero mudar
Esta minha vida,
Deixar de penar,
Curar a ferida
Que me faz sangrar!
Pano à galera
Do sonho final,
Partir sem espera,
Seguir na conquista
Da paz perenal
Que talvez exista
Além da quimera
- Ácido vinagre –



E sentir então

Algo que me sagre,
Toda sensação
Do real milagre...

Não vejo desdouro
No choro que corre!
O tempo vindouro
Agora já morre...

APELO NECESSÁRIO

À bela obra de Cervantes
Perene tributo rendo,
Fixando magnos instantes,
Folha por folha relendo!

Imagens todas bem postas,
Pois entre trevas e luz,
Tudo em posições opostas
Grandes contrastes traduz!

Há sempre fracos e pobres,
Formando densos magotes,
Curvos à sanha dos nobres!

Para a defesa dos ranchos
Que surjam novo Quixotes
No rastro triste dos Sanchos!



NA LANGUIDEZ DA TARDE

O Sabiá-branco,
Pousado na crista
Do verde barranco,
Desprende solista
Cantiga faceira!

Passam esmoleiros
No trilho pedrento!
Meus pés estradeiros
Só têm desalento!

Sou tronco sem seiva
No sol do verão!
Sou joio na leiva,
Grãos falhos no chão!

No mundo infinito
Mil coisas diviso!
Que risos no grito,
Que dores no riso!



ALGIDEZ PERTURBADORA

Deploro a sorte malvada
Que tantos sonhos derriba,
No desespero que enfada,
Nos azedumes que liba!

As dores-chaga sangrada
Que longos transe estriba!
Da descrença resta o nada,
Gemidos, Deus, não proíba!

Três coisas em mim censuro
Quando começo a pensar
E a verdade não descuro:

Uma-no tédio sorrir,
Outra-não poder chorar,
Enfim-chorar sem sentir!



TRILHA INEVITÁVEL

Curtindo fracassos
Vou de lés a lés,
Sem flores nos braços,
Com cactos nos pés!

Altas chaminés
Lançam fumos ralos!
Dos sons das marés
Vêm tristes embalos!

Astros a brilhar,
Com luzes a pino,
Procuram salvar
A nau sem destino!

Sem quentes regaçõs
Balança o convés!
Enganos bem crassos,
Ó Senhor dos Passos,
Conduzo nos pés!

Roteiros escassos,
Em todos espaços!
Poderoso tu é,
Ó Senhor dos Passos
Rumos em pedaços
Carrego nos pés!

Procuró entrelaçõs,
Mas sinto o revés!
Ó Senhor dos Passos
Poderoso tu és,
Que velhos cansaçõs
Eu trago nos pés!



DIANTE DO VAZIO INOMINÁVEL

Na grandeza do conjunto
Sou minúscula fração.
Ímpetos, porém, eu junto,
Asas largas na amplidão!

Da vida real disjunto,
Fico em mística visão
E me sinto, assim, transunto
Das forças em turbilhão!

Nessa verdade, contudo
Não vejo nenhum abrigo,
Só consolos abrumados!

Todos sofrem, não me iludo,
Mas a ventura persigo
Em sonhos sempre sonhados!



CONSTÂNCIA LANCINANTE

O céu cor de cobre,
Sem luz ou fulgor!
Pra que não sobre
Em mim tanta dor,
Revejo rondéis,
Quadrinhas antigas!
Desato cordéis,
Encontro cantigas
De muitos invernos,
Com gritos revéis
Em todos papéis!

Que frustra visão,
Rebeldes sonetos,
Repulsas na mão
Em acres folhetos!

A voz do menino,
Tristonho, parado,
Já tinha destino
No berço traçado...



IMPULSO URGENTE EM RITMO EXATO

Quando sinto desconsolo
E as dores como punhais,
A Deus, tijolo a tijolo,
Eu levanto catedrais!

E na prostração contrita,
Em que fico meditando,
Sou cismas de cenobita,
Na fé dos santos rezando!

Sou bem fraco, reconheço!
Nas estradas que percorro
Choro por qualquer motivo!

Mas do Parnaso não desço
- Sem minhas musas eu morro.
- Perdendo o verso não vivo!



HORA CONTURBADA

Ó mãe-Natureza
No campo, no mato,
Enorme tristeza
Com tal desbarato!

As flores singelas,
Humildes, pequenas,
Na terra tão belas
- Bibis-açucenas –
Jazem esquecidas,
Não dos olhos meus,
Pois também são vidas
Criadas por Deus!

Contemplo com pena
Os tristes umbus,
Ontem fronde plena
E hoje tão nus!



SOLFEJO SOBREJACENTE

Eis um conceito profundo,
Fruto de sábias lições:
Entre os seres deste mundo
Sempre lavram dissensões!

Dos ricos ao vagabundo
Todos curtem provocações!
O viver manso, jocundo
Quem não quer, sem aflições!

Trabalhando, amigo, cante,
Das dores faça descantes,
Sem vãos lazeres, porém!

Que esta vida de fadigas
Não seja só de formigas,
Mas de cigarras também!

VIGÍLIA NA MADRUGADA

Apólogos são relatos
Que desde cedo aprendemos!
Da via fiéis retratos,
Em velhos livros que lemos!

Aqui lembrar convém:
No mundo dores germinam!
Quantos, porém, não retém
Os contos que mais ensinam!

De lobos e de cordeiros,
Que grande fábula! Vêde
Em flagrantes verdadeiros

Guardandos nos pensamentos:
- Os fracos sempre com sede,
- Os fortes nunca sedentos!



NO SILÊNCIO DA NOITE

Alma de jogral,
Cantando contente
Sons de madrigal
Em lira candente,
Eu só suspirava
Em quadras amenas,
Eu só dedilhava
Cantigas sem penas!

O tempo passou,
Passou a quimera,
Somente ficou
- Vassala sincera –
A dor companheira,
Que segue meus passos,
Já todos cansada,
Já todos bem lassos...

Mas sinto que resta,
No grande rochedo,
Um canto de festa
Cantando bem ledado!

São cândidas harpas,
Num lento vibrar!
Galgando as escarpas,
Não posso parar!

Quem toca? Sereias,
De luzentes rastros,
Nas brancas areias
Da noite sem astros...

Ah! Dona Esperança
Cansei de esperar,
Mas alguém alcança
O fundo do mar?

SEPTETOS EM DÓ MAIOR

Estes cânticos na mesa
Têm notas em profusão,
Ressonâncias de tristeza,
Acordes de solidão!

Longe de mim artifícios!
Abjuro falsidades!
O maior dos meus suplícios
É não chorar nas saudades!

Deus! Carregaste teu lenho
Sem a menor resistência!
Perdão! Lamentos eu tenho
Nas horas de sucumbência!

Estes cânticos na mesa
Têm notas em profusão
Andantinos de fraqueza,
Crescendos de provação!



DUALISMO ESTRANHO

Estou triste, tu feliz!
Somos seres desiguais!
Até nas dores sorris,
Ferido sofro demais!

Ilusões quantas tu juntas,
Enganos não quero mais!
Não temos penas conjuntas
Nem regozijos iguais!

Preciso mudar: não mudo!
Só faço planos sem fim
Que bem depressa desdigo!

Somos díspares em tudo,
Mas vives dentro de mim
E eu vivo sempre contigo!



MONDADURAS NO EITO

Vibram universos!
De favos só gomos
Eu trago nos versos!

Sou galho lascado
Da árvore da vida!
Sou canto cantado
Por alma sofrida!

Sou nada, sou zero,
Sou frágil, pequeno,
Mas farsas desprezo
E embustes condeno!

Que formoso cromo
Na tarde de maio:
O céu policromo,
O sol em desmaio!

Quanto ódio malsão!
Defendo bandeiras
De paz e perdão!



EU E TU

Sabes que sou ao mal avesso,
Eu sei, amada, como és!
Pelas trilhas que conheço
Calco espinhos sob os pés!

Tudo, sabes, tem um preço,
Desde o tempo das galés!
Quantas almas sem apreço
Sós, padecem como rés!

Por caminhos vários vamos,
Bem juntos, a cabeça alta,
Rumo à meta pretendida!

Talvez nós, os dois, tenhamos
O que à tanta gente falta:
A fé na dor não vencida!



EXASPERO IMPROFÍCUO

Vida? Posso defini-la?
O meu ser luzes implora!
Dúvidas a fé destila,
Pois Deus no mistério mora!

Venho de frágil argila,
E matéria sou por ora!
O tempo veloz desfila
No passar de cada hora!

A tristeza tudo muda
E rápida se renova
Nos espíritos enfermos!

Vida? Seta bem aguda
E lágrima sempre nova
Na desolação dos ermos!



CLARIDADE AUTÊNTICA

Surge a manhã nos postigos,
Brilha o súpero luzeiro!
Revejo quintais antigos
Afastando o reposteiro!

Letadas com bons abrigos,
Cores o rosal revela!
Cantam pássaros amigos
Nas altas cercas de tela!

Tudo tão sereno e doce
Quando bem cedo levanto
Vendo da terra a beleza!

O mundo desigual fosse
Somente flores e canto,
Num festival de grandeza!



VERDADE CONCRETA

Sigo rotas inseguras
Em opostas existências,
Vivendo noites escuras,
Despojadas de fulgências!

Sem ascensões nas alturas,
À procura das essências,
Apenas acho torturas
No mundo das inclemências!

Comigo, pois, nada tenho
Além do verso sentido,
Onde com névoas afloro!

Amarguras eu retenho,
Porque sou peito transido
Nas solidões que deploro!



VERBO EXPLÍCITO

Sendas esquivas eu sigo,
Trago talvez nas moneras
As visagens que persigo!

Com sede de horizontes
E faminto de distâncias,
Vou por vales e por montes,
Vertendo dores nas ânsias!

Não levo ricas bagagens,
Nos seixos duras sandálias
E canções novas na mente!

Vejo gentes e paisagens,
Recolhendo urzes e dalias,
Às vezes urzes somente...

MEDITAÇÃO CONCENTRADA

Amo da flor os encantos,
Que a natureza desata,
A vida terna, sem prantos,
As noites feitas de prata!

Vivo a música vibrante
- Wagner, Albeniz, Ravel –
Chopin no brutal instante
Que torna tudo cruel!

Seja o sofrer dum minuto,
Também Gluck e Borodin
Me servem como reduto!

Com ressonâncias tão belas
Eu choro dentro de mim
Quando me vejo sem elas!



Um grande poeta se reconhece até num acróstico. Foi o sentimento que tive ao sorver, trago a trago, em vários chimarões – uma aura propicia para estes versos – tua magnífica Safra Amarga. Tua arte é só menor que tua modéstia.

Mozart Pereira Soares

Com a admiração de sempre, agora renovada com a leitura de seus belos versos da Safra Amarga, antologia magnífica...

Dante da Laytano

Próximos lançamentos do autor:

SENDA DE PERCALÇOS – Versos

AS GUAJUVIRAS FLORESCIAM EM NOVENBRO – Romance

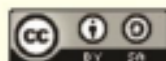
SANTIAGO, MINHA TERRA – Notas para a História

ELUCIDÁRIO CRIOULO – Filologia e Estilística Regionais



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Abrindo a cultura